



## EDUARDO MARCIANO E A LUTA PELA OBTENÇÃO DO “*HABITUS*” PARA ADENTRAR AO CAMPO LITERÁRIO

Douglas De Sousa – doug.rsousa@gmail.com

Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, Presidente Dutra, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074>

**RESUMO:** Eduardo Marciano, personagem de *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, tinha um sonho: escrever um romance e publicá-lo. Para isso, teria de percorrer um longo caminho por toda a literatura com suas obras e autores já consagrados, entender das regras e dinâmicas que compõem o campo literário. Nesse sentido, este artigo tem por escopo traçar uma análise do romance *sabiniano* a partir da perspectiva teórica do francês Pierre Bourdieu. O ponto principal, o qual nos detivemos, foi o de analisar a trajetória do personagem-protagonista, isto é, como se dão a formação de um escritor e a sua luta para a entrada no campo literário, com base nos conceitos de *habitus*, desenvolvidos pelo teórico francês, especialmente em seu livro *As regras da arte* (1996).

**PALAVRAS-CHAVE:** *O Encontro Marcado*; Fernando Sabino; Pierre Bourdieu; *Habitus*; Campo Literário

*Decidiu tornar-se mesmo escritor.  
Um livro de contos – os outros publicavam livros,  
por que ele próprio não podia publicar?  
(Fernando Sabino, O Encontro Marcado, 2010, p. 52)*

### 1 INTRODUÇÃO

Eduardo Marciano, personagem-protagonista do livro *O Encontro Marcado*, lançado em 1956, do escritor Fernando Sabino, tinha um sonho e uma obstinação: escrever um livro, publicá-lo e, assim, consagrar-se escritor. Desde a infância, Eduardo Marciano já ensaiava, dando claros sinais de que queria se lançar ao mundo da escrita. A epígrafe, que abre este texto, traz uma fala do narrador onisciente, que revela o desejo da personagem. O personagem de Sabino se apresentava envolto pelo fascínio do universo literário, pois tinha “jeito para redação”, como apontava seu professor de português. O protagonista se baseava na ideia de que “outros” tiveram a oportunidade de escrever seu próprio romance, portanto, entendia, por isso, que também disporia a mesma possibilidade.

Porém, escrever um livro, publicá-lo e alcançar um campo e um espaço de consagração na grande literatura, no eixo canônico e de circulação é algo bem mais intrincado. Existe um complexo sistema que perpassa o mundo da escrita e da publicação literária. É preciso, para tal, percorrer o campo dos já consagrados, obter um acúmulo de capital simbólico, desenvolver o *habitus* necessário para esse desígnio, entender das regras que configuram esse universo para, por fim, fazer parte do “campo de consagração”

já existente na esfera que se deseja adentrar; no caso em questão do personagem de Sabino: no campo consagrado da literatura.

Com efeito, o personagem de *O Encontro Marcado* teria de se apoderar de todo esse emaranhado que forma o complexo mundo literário. Para tal, entendemos, a partir de uma leitura do romance de Sabino, à luz do livro *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996), de Pierre Bourdieu, que, para ser um escritor, sobretudo consagrado, Eduardo Marciano teria de empreender, com êxito, não somente o ato da escrita, isto é, não bastava a ele apenas escrever bem, mas também desenvolver o *habitus*, no sentido bourdieusiano. Em outras palavras, Marciano teria de compreender também as estruturas que formam, sustentam e regem o campo literário.

Lança-se, assim, nas próximas linhas, a análise do romance *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, à luz das teorias bourdieusianas, especificamente as do livro *As regras da arte* (1996), com o propósito de examinar como se dá a formação de um escritor e a sua luta para a entrada no campo literário, do percurso que este precisa cumprir e de quais mecanismos terá de adquirir para essa empreitada. Recorremos ainda a outras ideias de demais estudiosos do assunto, como Maingueneau (2001) – *O contexto da obra literária*; Piacentini (1991) – *Literatura: o universo brasileiro por trás dos livros*; Wacquant (2010) – *Esclarecer o habitus*; entre outros, para a fundamentação deste estudo.

## 2 CAMPO DE PRODUÇÃO LITERÁRIA: ESPAÇO DE LUTAS E COMBATES

Em sua grande maioria, aqueles que têm inclinação à escrita, quer dizer, os que experimentam esboçar linhas de escritos, seja em prosa ou poesia, nos mais variados gêneros literários, ou, ainda, até mesmo aqueles que buscam escrever por simples diversão e por outros motivos diversos, quase sempre são pegos com a ideia/opinião de que deveriam escrever um livro, utilizar-se do que já se escreveu para publicar. Aqui, estamos fazendo alusão à materialização das ideias a serem apresentadas em formato de livro.

Mais do que um sonho, escrever, ter suas ideias publicadas e se tornar escritor aclamado pelo público leitor não se resume apenas a ter “feições” ou “jeitos para a escrita”. O projeto de publicar um livro, para ser concretizado, inclui um processo que, socialmente, vai bem mais além do que ter “aptidão” ou “jeito” para a escrita, principalmente porque o livro ainda é considerado como um artigo de luxo, visto como um bem cultural nem sempre de fácil e completo acesso a todos. É um objeto que se destaca, desse modo, como bem de valor simbólico.

Diante dessa declaração categórica, do valor simbólico que o livro e sua publicação representam para a nossa sociedade, Leal (2008, p. 01), em sua tese de doutoramento, intitulada *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*, diz que “[...] em nossa sociedade publicar um

livro detém valor simbólico importante. Não só o ato de escrever é, em si mesmo, valorizado, mas ter as suas ideias impressas, distribuídas, compradas e, quiçá, lidas faz com que haja reconhecimento e diferenciação”.

Dessa forma, tanto o ato em si da escrita, quanto o da publicação de um livro constitui capital simbólico em nossa sociedade: o da escrita por ter sido, em parte, até hoje, restrita historicamente a grupos e a pessoas de ciclos sociais elevados economicamente; e o da publicação por não ser fácil publicar um livro diante das condições de mercado, editora e órgãos de financiamentos. Já que a obra literária, segundo Maingueneau (2001, p. 30), “não surge ‘na’ sociedade captada como um todo, mas por meio das tensões do campo propriamente literário. Portanto, para ele, “a obra só se constitui implicando ritos, as normas, as relações de força das instituições literárias” (MAINGUENEAU, 2001, p. 30).

Diante disso, o personagem de Fernando Sabino teria de entender desses mecanismos que compõem essas instituições de formação e consagração do campo literário para fazer parte dele, do engendramento dos campos e as regras que configuram e orientam as relações no mundo literário (LEÃO, 2008). Para a possível entrada nesse campo, Eduardo Marciano necessitaria lutar pelo acúmulo do capital simbólico necessário a ser usado no espaço que visava, pois “o poder simbólico que se adquire na obediência às regras de funcionamento do campo opõe-se a todas as formas de poder heterônomo que certos artistas ou escritores podem ver-se conferir” (BOURDIEU, 1996, p. 250).

O personagem precisaria antes percorrer um itinerário aberto e trilhado por outros escritores, o qual não há como se desviar. É preciso aprofundar-se no campo de toda uma heterogeneidade literária para só depois conseguir produzir um texto com as mínimas condições de um texto literário, para se assumir enquanto escritor. Pois toda produção artística humana, vem de pressupostos e bases que, primeiro lançadas, serviram e servem de modelos a outras, abrindo discursividade e complexidade artística (TODOROV, 2008).

Além disso, não somente se apoderar dessa heterogeneidade literária e das já existentes produções artísticas. No percurso para ser um escritor, Eduardo teria também de ter o entendimento dos jogos e desafios que compõem o universo ao qual almejava participar, quais seriam as regras que o compõe, e, como veremos adiante, as lutas e os desafios desse personagem, as regras da arte necessárias para que escrevesse seu romance e o publicasse, principalmente vir a se tornar um escritor consagrado.

Portanto, o personagem de Sabino teria de, para concretizar o sonho de ser um escritor, adquirir as competências necessárias, não perder de vista o que, segundo Bourdieu:

[...] faz parte da população dos escritores, é esquecer que o campo de produção cultural é o lugar de lutas que, através da imposição da definição dominante o escritor, visam delimitar a população daqueles que estão no direito de participar a luta pela definição do escritor (BOURDIEU, 1996, p. 254).

É exatamente o campo de produção cultural, em especial como espaço de lutas que Eduardo Marciano não poderia perder vista, até porque entender o ato de escrever não é suficiente para fazer parte desse campo. Sempre algo a mais, para além do talento, é exigido do artista.

### 3 EDUARDO MARCIANO E O PERCURSO DE OBTENÇÃO DO *HABITUS*

Mesmo ainda com poucas leituras e pouca idade, Eduardo Marciano ensaiou os primeiros passos de escritor, “começou a escrever contos policiais, mostrava ao professor. Passara-se os romances policiais: gostava de Malpas, o assassino, que no fim, era o próprio detetive” (SABINO, 2009, p. 29).

Atento ao desejo de ser escritor, ele vai começar a percorrer um caminho que o possa levar à concretização de tal sonho. “Para tanto era preciso conhecer o léxico. Eduardo resolveu conhecer o léxico. Gramática Expositiva. Escrever certo!” (Ibidem, p. 30).

Como estímulo para seguir a carreira de escritor, o jovem aprendiz ganha um concurso de contos, deixando admirado o diretor da revista para a qual concorrera. Ter ganhado o concurso, ver seu conto publicado e angariar a quantia de cem mil réis tornou-se pequeno diante do resultado maior que esse resultado trouxera para Eduardo, pois o menino, apontado pelo professor como quem tinha “jeito para escrever”, agora estava repleto da ideia, “decidiu tornar-se mesmo um escritor” (SABINO, 2009, p. 52), e, para isso, contaria com a ajuda de seu pai.

Como primeira medida, o pai encaminhou o filho a um amigo seu. “Mandou que o filho procurasse o Toledo, seu amigo, que era escritor”. A ideia de seu Marciano, ao encaminhar Eduardo ao seu amigo, era de que este o ensinasse as técnicas necessárias para que Eduardo se tornasse um escritor. “Toledo, meu menino está querendo mesmo ser escritor. Vê se ensina umas coisas a ele” (SABINO, 2009, p. 52).

Essas “coisas” que seu Marciano pediu a seu amigo Toledo, ou seja, que ensinasse a seu filho, sem mesmo saber, definem-se como um conjunto de disposições profundamente incorporadas no sentido de realizar determinada função, ou no conceito cunhado por Bourdieu, seria o *habitus*, que, para o sociólogo francês, se dá quando:

[...] o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas” (BOURDIEU *apud* WACQUANT, 2007, p. 03-04).

Nessa perspectiva, Eduardo Marciano estaria no caminho de saber o que seria preciso para se tornar um escritor, das disposições precisas para a entrada no campo, já que “a condição para a entrada

e permanência nesses espaços é o conhecimento, muitas vezes não consciente, e o reconhecimento, muitas vezes involuntário, das regras do jogo” (LEÃO, 2008, p. 03).

Desse primeiro contato com Toledo, Eduardo levou consigo os contos que havia escrito, inclusive o premiado. Como primeiro parecer, o leitor mais experiente lançou sua opinião sobre os escritos do jovem escritor: “Não quero dizer nada. Falta conteúdo, falta poesia. Você não lê poesia?” (SABINO, 2009, p. 53). Eduardo logo confessou o contrário.

E foram nessas conversas travadas entre Toledo e Eduardo que o jovem aprendiz a escritor teve seu primeiro contato com a grande literatura, com a leitura e conhecimento dos clássicos – encontros que levantavam discussões sobre a literatura e as artes, momento em que Eduardo se deparou com a certeza de que estava longe de ser um grande escritor e que um longo caminho precisaria ser percorrido: “Você que ser contista, não é? – e Toledo o reteve, quando se despedia: – Pois então leia isso... E isso... E isso. Empréstou-lhe três livros de contos em francês: Merimée, Flaubert e Maupassant” (Ibidem, p. 55).

Após esse primeiro contato com a grande literatura, com aqueles que já trilharam o caminho necessário e atingiram o campo da consagração e se tornaram legítimos, a exclamação de Eduardo não poderia ser outra frente à comparação com o que já havia escrito: “Se isso é que é boa literatura, então meus contos são uma merda” (SABINO, 2009, p. 55).

Esse susto do personagem diante dos grandes nomes da literatura nacional e mundial, somado ao primeiro contato com o campo dos já consagrados, trouxe a Eduardo duas grandes revelações: a primeira de que sua literatura ainda não tinha condições de atingir, ainda, níveis de consagração, logo as condições de publicação; e a outra de que precisaria percorrer a leitura de toda ou boa parte das obras e autores já consagrados, os ditos cânones nacionais e mundiais para aperfeiçoar e dominar sua escrita. Adiante, também entender o universo de atuação e luta nesses espaços, além, é claro, do acúmulo de capital simbólico que seria preciso dispor para escrever seu livro. Além do que, como primeira medida de entendimento do universo que se quer fazer parte é mesmo o de primeiro entender a sua história, funcionamento e formação. Portanto, se assim o aspirante a escritor quisesse mesmo realizar seu sonho, publicar seu livro e entrar nesse campo, este teria de, *a priori*, entender da história desse campo, pois, como assinala Bourdieu:

[...] à medida que o campo se fecha sobre si, o domínio prático das aquisições específicas de toda a história do gênero que estão objetivadas nas obras passadas e registradas, codificadas, canonizadas por todo um corpo de profissionais da conservação e da celebração, historiadores da arte e da literatura, exegetas, analistas, faz parte das condições de entrada no campo de produção restrita (BORDIEU, 1996, p. 273).

Incentivado por Toledo a mergulhar, de forma mais estruturada e aplicada, sobre os grandes nomes da literatura, e se deparando com a sua pequenez literária perante esses autores já consagrados, Eduardo, mais do que nunca, passou a perceber que o que sentia ou chegou a pensar não foram suficientes para conceber seu objeto artístico-literário. Para tanto, precisava pensar em valores estéticos e dos artifícios de composição de determinado ofício. Pois “o direito de entrada que todo recém-chegado deve pagar não é mais que o domínio do conjunto das aquisições que fundam a *problemática em vigor*” (Ibidem, p. 274). E, para Eduardo, este problema estaria em ser um escritor.

Com tal intento, o personagem vai investir em toda uma formação humanística para atingir o objetivo: a leitura dos clássicos, a história do campo, a vida dos escritores, a tradição literária. Já que passou a se preocupar “com o fenômeno da criação artística, a consciência profissional, a missão sublime do escritor, o artesanato. Nada de concessões; a arte pura não devia ser conspurcada, a verdadeira mensagem tinha de ser transmitida” (SABINO, 2005, p. 68).

Mais do que conceber o próprio objeto artístico que se propõe a lançar, todos aqueles que buscam essa consagração não podem ignorar o que passa ou se passou pelo campo que almeja entrar. O que Bourdieu (1996) destaca é que essa negação pode ser vista como ponto de insucesso, ou da não consagração, daqueles indiferentes a toda produção já existente e as lutas que se passaram no interior de cada espaço. Segundo o teórico francês, “não há lugar para aqueles que ignoram a história do campo e tudo que ela engendrou, a começar por certa relação, inteiramente paradoxal, com o legado da história” (BOURDIEU, 1996, p. 275).

Com isso, a busca por esse capital simbólico, o entendimento da história do campo e o que este engendrou passam a ser cada vez mais desenvolvidos pelo jovem escritor, a fim de se instrumentalizar o máximo possível. Eduardo passa a entender, de forma que talvez nem mesmo ele perceba, mas passa a jogar e fazer parte das lutas que se trava no interior de cada campo, sobretudo para a entrada e consagração. E, à medida que o personagem de Sabino entende que existe um campo já consagrado, o qual, portanto, precisa entender e passar por ele, vai, assim, aos poucos desenvolvendo o seu próprio *habitus* para a possível entrada.

Toledo, assumindo a posição de um orientador, serve como um ponto de partida a instigá-lo a desenvolver esse conjunto de conhecimentos necessários a serem utilizados, quando necessário em determinadas ocasiões, sobretudo quando faz indicações de leituras a Eduardo, pois:

[...] o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (WACQUANT, 2007, p. 02).

Nesse sentido, Eduardo precisaria desse modo de funcionamento, do conjunto de disposições desenvolvidos, que, quando necessário, e de acordo com suas vontades, seriam acionadas, uma vez que “toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*” (BOURDIEU, 1996, p.292). É preciso, pois, o *habitus* necessário tanto para a conquista de seus ideais quanto do meio do qual se dispõe a adentrar, no caso de o personagem de *O Encontro Marcado* ser escritor e publicar um romance.

O *habitus* seria, portanto, o conjunto de disposições e mecanismos que o sujeito desenvolve, estuda e aplica para o alcance do que se quer. A execução das regras do jogo. Mas lembrando que nem sempre é consciente, o *habitus* é também e, por vezes, o universo natural, o percurso de como o sujeito já vê e lê o mundo. No entanto, no caso do personagem aqui analisado, ele precisaria ter noção dessas condições para cumprir seus desejos.

#### 4 NEM SÓ DAS PALAVRAS VIVE O ESCRITOR

Escrever não é, nunca foi, atividade fácil, haja vista que o ato da escrita, por si só, nem sempre é acessível a todos. Grandes autores do cenário nacional, que se destacam mundialmente, como a modernista Clarice Lispector, que, por exemplo, entre os consagrados, já dizia que “escrever é como quebrar rochas”. Eduardo Marciano, ao querer entrar no perigoso e gigantesco universo do discurso literário, passou a se aparelhar e a construir o *habitus* necessário para ingressar e se manter nesse campo.

Porém, o tornar-se escritor não é um ofício simples, não só por que lidar com as palavras seja algo artificioso, ou, como definiu e metaforizou Clarice Lispector, um ato de “quebrar rochas”, mas também por que fazer parte desse campo, principalmente se manter nele, é algo bem mais complicado.

No entanto, ultrapassada essa dificuldade de se tornar escritor, um outro sonho de quem adentra esse universo é o de viver exclusivamente de escrever, dos frutos da escrita, da profissão de escritor, de retirar seu sustento e sobrevivência única e exclusivamente das palavras. Eduardo, quando ainda bem jovem, teve o privilégio de participar de um concurso de contos e ganhar o certame, levando para casa uma boa quantia em dinheiro. “Ganhei cem mil-réis, olha aqui. No concurso” (SABINO, 2009, p. 33). A quantia de cem mil-réis não seria suficiente para financiar a carreira de escritor do pequeno aspirante, como também para sustentá-lo por muito tempo.

Em *O Encontro Marcado*, Fernando Sabino, ao instaurar um questionamento, abre uma outra discussão e destaca a problemática que permeia o universo literário e perpassa a carreira de quem já é escritor ou quem queira vir a ser: vive-se realmente só de escrever?

Tirar seu sustento das palavras, do ofício da escrita, é uma angústia que atormenta os escritores até os dias atuais. Piacentini (1991), em sua pesquisa *Literatura: o universo por trás dos livros*, faz revelações sobre as dificuldades e os desdobramentos daqueles que se admitem escritores, recorrendo a outras

atividades para garantir o sustento, sejam estas completamente contrárias ao ofício de escrever, como tarefas técnicas ou burocráticas, ou outras como atividades paraliterárias, que a autora classifica como aquelas que se relacionam ao universo da escrita, como revisores de textos, atividade no jornalismo, editores, professor de língua, entre outras atividades congêneres.

Sobre esse fenômeno, a profissão de escritor e a profissionalização do ato de escrever, com suas implicações, limitações e condições do que pode trazer aos que fazem parte desse universo, Bourdieu (1996, p. 257) assim explicita:

A “profissão” de escritor ou de artista é, com efeito, uma das menos codificadas que existem; uma das menos capazes também de definir (e de alimentar) completamente aqueles que dela se valem e que, com muita frequência, só podem assumir a função que consideram como principal com a condição de ter uma profissão secundária da qual tiram seu rendimento principal (BORDIEU, 1996, p. 257).

Seu Marciano, pai de Eduardo, parecia já entender e se preocupar com a condição de ser “somente” escritor, pois desde quando apoiou o filho a seguir a carreira, alertou-o de que não se vive só de ser escritor. Portanto, este teria de procurar se formar e, conseqüentemente, buscar também outra atividade paralela a de escritor. Como disse-lhe seu pai em diálogo: “Você pode ser escritor - disse-lhe à noite (seu Marciano resolvera ficar no Rio um ou dois dias com o menino) – mas tem de estudar primeiro. **Ser escritor é muito bom, mas ninguém vive disso.** Quero ver você formado” (SABINO, 2009, p. 33, grifos nossos).

Desse modo, para o pai de Eduardo, este teria que ter em vista outras empreitadas de formação, que não fosse somente o sonho de viver da escrita, pois “ninguém vive disso”, como assinalara seu Marciano – ou mesmo adquirir outra profissão para, de fato, garantir o desenvolvimento da de escritor. E, como primeira atividade para seu sustento, começa a trabalhar na redação de um jornal. Não deixava, portanto, de estar em contato com a palavra, de tanto utilizar seu prazer pela escrita como fonte para seu sustento. Nesse aspecto, segundo Bourdieu (1996):

Esses empregos, dos quais as profissões de arte têm o equivalente, sem falar do cinema, têm a virtude de colocar seus ocupantes no coração do “meio”, ali onde circula as informações que fazem parte da competência específica do escritor e do artista, onde se estabelecem as relações e se adquirem as proteções úteis para chegar à publicação, e onde se conquistam, por vezes, as posições de poder específico – as situações de editor, de diretor de revista, de coleção ou de obras escolhidas – que podem servir para o aumento do capital específico, através do reconhecimento e das homenagens obtidas da parte dos recém-chegados em troca da publicação, do apadrinhamento de conselhos etc (BOURDIEU, 1996, p. 257).

Desse modo, estar à frente da produção de artigos para um jornal poderia colocar Eduardo não só em contato com a palavra escrita, com suas ideias publicadas e lidas, como também com o acúmulo



de poder específico, das proteções úteis e das diversas relações que se estabelecem nesse meio, como o apadrinhamento. Dessa maneira, toda essa teia de relações facilitaria e abriria os caminhos para a publicação, quando escrito, do seu livro de contos.

## 5 A QUEBRA DO *HABITUS* E A NÃO CONQUISTA DO CAMPO LITERÁRIO

Muitas foram as aventuras vividas por Eduardo Marciano e seus amigos. Muitas foram as experiências do personagem diante da vida, das alegrias, das decepções. Eduardo casou-se, separou-se, abandonou a natação (esporte que era apaixonado), conseguiu um emprego público, em que escrevia esporadicamente, e sem compromisso, quando chamado, alguns artigos para jornal. Deixou de lado as leituras “famintas” dos clássicos e abandonou o discurso de que “um dia falava com entusiasmo sobre sua necessidade de publicar imediatamente um livro – iniciar a carreira, formar-se como escritor” (SABINO, 2009, p. 143).

Percorrendo os caminhos propostos por Bourdieu (1996), em sua teoria, os quais indicam como o autor deve “agir” para se tornar um grande escritor e adentrar o campo literário, sobretudo com a apropriação do *habitus*, a formação desse conjunto de disposições para atingir seu objetivo. Ao avançarmos na narrativa de Sabino, o personagem vai se desviando pelas “aventuras da vida”, e, principalmente, desviando-se do seu sonho de escrever um romance.

Ao longo do livro, o leitor vai percebendo e percorrendo junto com Eduardo todo o seu programa de leitura, toda a sua viagem pelo campo literário dos escritores legítimos e consagrados, pois, como sugere Bourdieu (1996), uma das formas de entrada nesse campo é exatamente não esquecendo ou negligenciando a história do campo para qual deseja fazer parte. Todo o afinamento crítico do personagem, a criação de sua bagagem cultural e literária, a sua luta pelo acúmulo do capital simbólico, já que, na formação de Marciano, não somente escritores de cunho e de obras literárias são apontados ao longo do livro, mas também cientistas, filósofos, pensadores, pintores, cineastas, artistas no geral.

Porém, entender das regras do jogo, das regras do campo da arte, além de desenvolver o *habitus*, nem sempre é garantia para se chegar ao fim desejado. No caso em questão do personagem, seria ser escritor, escrever um romance e publicá-lo. Pois esse *habitus*, como assinala Bourdieu (1996, p. 299), “enquanto sistemas de disposições, só se realiza efetivamente em relação com uma estrutura determinada de disposições socialmente marcadas”.

Além disso, o personagem de Sabino teria se direcionado a outros caminhos, se fosse casado ou levado em demasia uma vida boêmia, mas assumiu um emprego público e quase não mais escrevia com rigor, deixando sempre para trás a escrita e a leitura, envolvendo-se em outras atividades. O insucesso de Eduardo pode, talvez, ser explicado pelo o que Toledo, primeiramente, avisara-lhe, como sendo um erro

seu: “Meu erro foi acreditar que a vida poderia fornecer material para minha literatura. Viver escrevendo. Não escrevi o que devia” (SABINO, 2009, p. 54).

Mais tarde, diante do insucesso de sua carreira de escritor, não conseguindo atingir o objetivo de escrever o seu livro e a consequente publicação, Eduardo Marciano abandonou o sonho de literato: “Não posso responsabilizar ninguém pelo destino que me dei. Como único responsável, só eu posso modificá-lo. E vou modificar” (SABINO, 2009). A falta de êxito de Eduardo não só se restringiu ao plano de ser um grande escritor, mas também o seu casamento fracassou, e o filho que a sua esposa esperava, perdera-o; desistiu ainda da natação e se conformou com o seu destino.

Para Oliveira (2009, p. 540), “esse personagem não conseguiu perceber que o excesso de racionalidade era a maior causa do fracasso do seu livro”. Assim, o personagem de Sabino malogrou na proposta de escrita de seu romance, na entrada no campo literário e no seu sonho de ser um escritor consagrado.

Aparentemente, o personagem de *O Encontro Marcado* estava no caminho “certo”, sobretudo pelo fato de estar desenvolvendo o *habitus*, o conjunto de disposições precisas para a sua entrada no universo literário. Mas, como lembra Wacqaunt (2007), os seres envolvidos nessa busca são seres humanos, carnis, dotados de outras necessidades e anseios, que podem vir a desviar o indivíduo de seu caminho, pois:

[...] um ser carnal habitado pela necessidade histórica que se relaciona com o mundo através de uma relação opaca de cumplicidade ontológica e que está necessariamente ligado aos outros através de uma convivência implícita sustentado por categorias partilhadas de percepção e de apreciação (WACQAUNT, 2007, p.04).

Cabe assinalar que o *habitus* funciona dentro de um conjunto de mudanças dinâmicas, não funcionando, portanto, de forma coerente e unificada, dependendo, assim, das situações sociais em que este se encontra.

Quanto a esse ponto, Bourdieu (1996) afirma que:

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprime as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa do *envelhecimento social* que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, **bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida** (BOURDIEU, 1996, p. 292, grifos nossos).

Dessa forma, Eduardo Marciano, em sua trajetória social e na constituição do seu *habitus*, teve, sim, uma forma particular de percorrer o espaço social e tentar realizar seu sonho, mas como seres “não computadorizados”, nos termos de Wacquant (2007), baseado nas explicações do modelo de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu, e sim sujeitos histórico-sociais, dotados de outras necessidades humanas e ontológicas, teve seu projeto desviado. Viu a árvore da história de sua vida se encher de “outros galhos” e o seu sonho de escritor ser adiado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, aborda as necessárias dificuldades, lutas e amplitude para a formação de um escritor, dessa cultura literária a ser gerada, das lutas que se precisa travar no interior do campo, seja para a entrada ou para sua sustentação, do desenvolvimento do *habitus* dentro das condições sociais em que se encontram os indivíduos.

Além disso, o romance aborda outras questões intrínsecas ao universo literário, vividas pelo personagem, que apresentam ao leitor um universo narrativo de como se pensar e se preparar um livro, do caminho percorrido para ser escritor e das lutas que travadas para atingir a consagração, desde a leitura dos clássicos, dos consagrados da literatura às dificuldades de produção e publicação de um livro. Não é um caminho fácil, nem possível para todos, mesmo que estes tenham “jeito para redação”, como apontara o professor de português de Eduardo, desde a pequena idade do personagem, como também dos problemas financeiros e outras necessidades de sustento que se apresenta àqueles que querem assumir como profissão o ofício de literato.

Escrever um livro, publicar e se consagrar como escritor não é tarefa fácil nem acessível a todos, chegando a ser uma arena de combates, um campo de lutas e de um preciso *habitus*, pois, como afirma Bourdieu (1996), o campo de produção cultural é mesmo um terreno por excelência de lutas.

Com efeito, o romance de Sabino, analisado pela ótica das teorias bourdieusianas, apresenta-se neste trabalho como uma reflexão das dificuldades de formação, produção e publicação de um livro, demonstrando ainda o porquê de nem todos, mesmo tendo diversos escritos, não conseguirem se lançar como autores consagrados.

Destarte, Pierre Bourdieu apresenta, aos futuros aspirantes a escritor, a necessidade de, para a entrada no campo literário, o *habitus* necessário, entender da sua história e obter o conjunto de disposições incorporadas inconscientes ou conscientes para tal, bem como compreender as regras que orientam as relações do mundo literário. Do contrário, seria se conformar com a escrita por hobby ou deixá-la fadada ao interior de gavetas ou arquivos eletrônicos pessoais, porém sem ter o privilégio e o capital simbólico de ter suas ideias publicadas, circuladas e lidas.

Mas vale uma ressalva: nem sempre se deve confundir teoria e vida nem sempre se confundir, e existe o acaso. E para esse acaso, talvez, não há *habitus* que dê conta, porque a vida quando quer apenas acontece em sua força bruta e original, e não há quem a barre.

## 7 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. (Tese de Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LEÃO, Andréia Borges. Como fazer uma sociologia da singularidade? O escritor e o leitor face à teoria bourdieusiana da literatura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 9., 2008, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: ABRALIC, 2008. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27183/1/2008\\_eve\\_able%C3%A3o.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27183/1/2008_eve_able%C3%A3o.pdf). Acesso em: 23 mar. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Ilca Vieira de. Fernando Sabino, leitor de Machado de Assis. *Revista Eutomia*, ano II, v. 1, n. 3, p. 531-551, 2009.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 90. ed. São Paulo: Record, 2009.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland *et al.* *Análise estrutural da narrativa*. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

WACQUANT, Loic. *Esclarecer o Habitus*. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126>. Acesso em: 23 mar. 2021.

***Title***

Eduardo Marciano and his fight to obtain a “habitus” to enter the literary world.

***Abstract***

Eduardo Marciano, character of a Time to Meet, by Fernando Sabino, had a dream: to write a novel and publish it. To do it, he would have to go through a long way through out literature with its works by already famous writers to understand the rules and dynamics that compose the literary world. In this sense, this essay has the purpose to analyze the novel through the theoretical perspective of the French intelectual Pierre Bourdieu. The main point, to which we detained ourselves, was to analyze the path of the protagonist, that means, the training of a writer and his fight to enter the literary field, having the concepts of habitus, that were developed by the French academic, especially in his book The Rules of Art.

***Keywords***

*O encontro marcado*; Fernando Sabino; Pierre Bourdieu; *Habitus*; Literary field

---

Recebido em: 12/05/2021.

Aceito em: 01/11/2021.